



BLUMENAU

em **CADERNOS**

TOMO III - Nº 1

JANEIRO

1960

COMÉRCIO E INDÚSTRIA
WALTER SCHMIDT S.A.

Blumenau

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 1495
CAIXA POSTAL, 63
TELEGRAMAS: COMETA



Filiais:

JOINVILE

Rua 15 de novembro 425
Cx. Postal, 242 — Telegramas: COMETA

RIO DO SUL

Avenida 7 de Setembro
Cx. Postal, 98 — Telegramas: COMETA



**FABRICANTES DE
INSTRUMENTOS DE PRECISÃO
PARA MEDIÇÃO
ARTIGOS METALÚRGICOS**



Comerciantes

Industriais

**Importadores de Máquinas
e Artigos Técnicos**



MOTORES - PEÇAS - MÁQUINAS ELÉTRICAS - FERRAMENTAS

BLUMENAU em CADERNOS

Tomo III

JANEIRO DE 1960

N.º 1

NOVA CAMINHADA

Começamos, com este número, o terceiro tomo de "Blumenau em Cadernos". Não foi fácil a jornada que nos trouxe até aqui.

Tivemos que lutar com toda a sorte de contrariedades e aborrecimentos. Não fosse a grandeza do ideal que nos orienta e, certamente, teríamos deixado a empreitada pelo meio.

Razões de ordem financeira, incompreensões, dificuldades técnicas, muita coisa conspirou contra nós nesses dois anos de luta.

Persistimos, porém. Sacrificando-nos, é verdade, e de maneira, às vezes, a influir na nossa própria saúde.

Mas vencemos. E, nos nossos cálculos, o que interessa é saber que estamos sendo úteis à coletividade, concorrendo, com quantas possibilidades intelectuais estiverem ao nosso alcance, para tornar mais conhecido e venerado o passado da nossa terra; para apresentar, aos olhos e à consideração das gerações coevas, os exemplos de trabalho, de persistência, de honestidade, de patriotismo dados pelos homens que nos precederam na organização da comunidade magnífica em que vivemos.

Sabemos que não nos será menos escoimada de percalços e de contrariedades a nova caminhada. Mas, exatamente porque não ignoramos que tanto mais gloriosa é a vitória quanto mais difícil fôr o alcançá-la, é que recomeçamos a luta, sem ilusões, é certo, mas cheios de fé e entusiasmo.

Chegaremos ao fim deste tomo, como chegamos ao término dos primeiros dois, não nos faltando, é claro, o apóio material e moral dos nossos prezados leitores e cooperadores a quem, em última análise, devemos este periódico.

E, com os agradecimentos muito sinceros a quantos nos auxiliaram, à Câmara Municipal e à Prefeitura de Blumenau, à Diretoria de Educação e Cultura do Estado, aos nossos colaboradores, aos anunciantes e assinantes, asseguramos que, também neste novo ano, procuraremos manter-nos dentro dos limites em que ajustamos o nosso programa de ação, correspondendo, por essa forma, à confiança com que temos sido honrados.

A todos o nosso reconhecimento e os votos de um próspero e feliz 1960.

MACHADO DE ASSIS E LAURO MÜLLER

ARNALDO BRANDÃO

“Machado de Assis, Funcionário Público” — importante monografia da autoria do acadêmico R. Magalhães Junior, e que foi lançada pelo Serviço de Documentação da Viação e Obras Públicas, integrando a coleção Mauá e dada aos leitores, por ocasião do cinquentenário da morte de Machado de Assis.

De grande interesse é para nós, catarinenses, o décimo quinto capítulo em que o autor, em rápidas pinceladas, nos apresenta a real interferência do Ministro Catarinense nos últimos anos da atribulada vida do criador de Quincas Borba. Transcrevendo o que nos relata o insigne autor de tão brilhante quanto preciosa monografia, em que nos vamos deparar com um Machado de Assis que tem tanto de humano, quanto de rotineiro em sua vida burocrática, constantemente agitada por discussões e querelas desencadeadas com seus próprios colegas de repartição, onde espoucava seu temperamento de homem ranzinza e genioso.

Assim nos descreve R. Magalhães Junior, interessante passagem da vida de Machado: —

“A 15 de novembro de 1898, tomou posse da Presidência da República o segundo presidente civil e paulista, Manuel Ferraz de Campos Sales. Chamou este para exercer o Ministério da Viação e Obras Públicas o político baiano Severino Vieira. Chama-o para servir em seu gabinete e tem nêlo valioso auxiliar durante quatorze meses em que exerceu aquêlo alto pôsto. Em 1900 renuncia Severino Vieira que é substituído, a princípio, em caráter interino, por Epitácio Pessoa, ministro da Justiça e, em seguida, pelo engenheiro Alfredo Maia.

Epitácio Pessoa passou rapidamente pelo pôsto, enquanto Campos Sales decidia a escolher o titular definitivo. Tendo grande apreço por Machado de Assis, fêz do ilustre escritor seu secretário.

Lúcia Miguel Pereira registra um dito de Epitácio que não sabemos onde teria colhido: “Um grande escritor, mas um péssimo secretário”. O escritor José Vieira, refutando tal frase, que demonstrava não corresponder à verdade sobre a conduta funcional de Machado de Assis, deu-lhe uma versão ainda mais deprimente: “Um grande escritor, mas um péssimo funcionário” — Mas é “secretário”, e não “funcionário” — que se lê no livro de Lúcia Miguel Pereira (recentemente falecida em desastre aviatório).

Podia-se dar que Epitácio, moço, impetuoso, de mentalidade arrojada, não se tivesse entendido bem com Machado, já idoso, tímido, homem vindo de outro regime, sem audácias de revolucionário. E podia assim ter sido o escritor um secretário que não era o ideal de um ministro com tal temperamento, sem deixar de ser, no entanto, um funcionário escrupuloso, trabalhador e modelar, prossegue R. Magalhães Junior.

Ainda no governo de Campos Sales, depois de ter servido com Alfredo Maia, serviu ainda com o conselheiro Antônio Augusto da Silva.

A 15 de novembro de 1902, na presidência da República o conselheiro Rodrigues Alves que escolhe para Ministro da Viação o engenhei-

ro militar Lauro Müller, um dos tenentes que haviam feito a República ao lado de Deodoro. Um dos seus primeiros atos foi de reparar a injustiça feita a Machado de Assis. Lauro Müller fêz Machado voltar ao exercício pleno como diretor geral da contabilidade. E, a 18 de novembro de 1902, escrevia-lhe Mário de Alencar: “felicito a Secretaria da Indústria pela volta do seu antigo diretor. A êste não sei se devo parabéns, mas em todo caso aproveito o ensejo para lhe mandar um abraço”.

Diz-nos Medeiros de Albuquerque que tendo vagado, no fim do governo de Campos Sales, uma diretoria geral, Artur de Azevedo, antigo funcionário do Ministério da Viação, pleiteara seu aproveitamento na mesma. Lauro Müller teria objetado que havia um diretor geral adido que poderia ser aproveitado: Machado de Assis. Ao que respondeu Artur Azevedo:

— Se é para Machado de Assis, não sou mais candidato. Ou, melhor sou candidato apenas a ser amanuense que lavrará o decreto de sua reintegração...

Lauro Müller, de acôrdo com Medeiros de Albuquerque, mandara sondar Machado, pôs seu secretário, para saber se queria voltar à atividade. Comovidíssimo, respondera com uma pergunta:

— Então o ministro acha que não sou incapaz, um inútil?...

Medeiros de Albuquerque declara que fôra o próprio ministro catarinense quem lhe transmitira essas informações.

Recebeu Machado de Assis, a reintegração no pleno exercício do cargo de diretor geral como uma reabilitação. O exemplar funcionário voltava satisfeito ao seu lugar. Tinha sessenta e três anos de idade, padecia de mal incurável, mas não queria ser pesado ao Estado, percebendo sem trabalhar. Renasce então o interêsse pelas letras. Começa a escrever um novo romance “Esaú e Jacó”, em que fixa o período de transição do Império para a República. Em 1904, morre sua espôsa D. Carolina aos setenta anos de idade. Desde então os trabalhos do Ministério da Viação e Obras Públicas absorveriam cada vez mais o funcionário Machado de Assis, a quem a viuvez tirara o gôsto da vida.

Grande, pois, foi o gesto do Ministro Lauro Severiano Müller, em retornar à atividade pública o grande Machado de Assis, tão injustiçado em sua desprezenciosa carreira. Lauro Müller não só estimulou, realizou mais ainda, deu-lhe nova vida e novas energias para que produzisse mais para o engrandecimento e glória da literatura brasileira.



BLUMENAU E OS SEUS MONUMENTOS



Em outro local dêste número, tratamos da atuação do Dr. Fritz Mueller à frente dos destinos administrativos de Blumenau. No clichê ao lado, vemos um flagrante do monumento ao grande naturalista, levantado em granito e bronze, na praça que tem o seu nome. Fritz Mueller chegou a Blumenau em 1852 e faleceu em 1897.

BUGRES E ONÇAS

Nos primeiros anos da colonização de Blumenau, os indígenas constituíram-se numa constante ameaça à expansão civilizadora. Por dezenas de vèzes, atacaram o colono desprevenido, matando e roubando, num justificado revide às perseguições que lhes eram movidas por parte dos colonizadores.

Não eram, porém, êles, os únicos entraves sérios ao estabelecimento dos imigrantes, afastados da sede colonial. Sem falar nas doenças de aclimação, nos perigos das roçadas, onde a cascavél espreitava, traiçoeira, havia, ainda, as feras, de que eram abundantes as florestas ribeirinhas do grande e do pequeno Itajaí. As onças, principalmente as pintadas e as pretas, causavam danos enormes nas criações, quando não se atreviam a atacar o homem na sua própria casa, ou na roça.

Em 1879, a colonização extendia-se pelo ribeirão Itoupava acima, para os lados de Itoupava Central e Massaranduba. Aí se estabelecera o imigrante irlandês, Cornélio Murphy, com a mulher e dois filhinhos de dez e doze anos. Murphy trabalhava na abertura dos novos caminhos, pelas espessas matas do vale daquele ribeirão, quando foi atacado por uma onça, que se atirou sôbre êle. Aos seus gritos, acudiram os companheiros que conseguiram afugentar o animal. Gravemente ferido pelos dentes e garras do furioso felino, Murphy foi imediatamente transportado para o hospital de Blumenau, onde veio a falecer a 10 de novembro do citado ano.

O doutor Blumenau, por urgente solicitação do inspetor do caminho, mandou dar-lhe quatro dos pistolões de propriedade da diretoria da Colônia para que se iniciasse a caça à fera assassina e mais dois mil réis de munição. O fato vem narrado pelo diretor da colônia, em officio dirigido ao presidente da província, a quem o dr. Blumenau pediu autorização para efetuar outras despesas, para enfrentar mais êsse flagelo que afligia os seus imigrantes.



A NOSSA CAPA

O terceiro tomo aparece de roupagens novas. E, como verificam os nossos leitores, de roupagens magníficas pela expressão e pela maestria com que foram executados os respectivos desenhos. Realmente, foram mãos de mestre que traçaram o perfil monumental da futura tôrre da igreja matriz de Blumenau, ora em adiantada fase de construção. Obra do desenhista, sr. Oto Schneck Junior, já bastante conhecido na capital paranaense pelos seus trabalhos, preciosos na técnica e na beleza da concepção, a nossa capa honra os seus méritos de artista renomado.

A tôrre da nossa matriz não será, apenas, um monumento religioso que bem traduzirá os sentimentos cristãos do nosso povo. Ela será, pela sua imponência, pelas suas linhas modernas, pela solidez da sua construção, o cartão de visita da cidade. Será o marco característico da nossa urbs e que bem exprimirá o anseio de progresso, moral e físico, que sempre animou a nossa gente.

Justo, pois, que aproveitemos o motivo para a capa do terceiro tomo da nossa publicação. E Oto Schneck fixou-o magistralmente.

FRANCISCANOS NO VALE DO ITAJAÍ

A atuação dos religiosos franciscanos no Vale do Itajaí, o apostolado que aí desenvolveram, incentivando e acompanhando o progresso material e espiritual das várias comunas, é um capítulo, sem dúvida interessantíssimo, da história dessa rica e futura região de Santa Catarina, que ainda está por ser escrito.

Desvelando-se até às raízes do sacrifício, ao risco da própria vida de muitos dos seus confrades, os missionários franciscanos, chegados a Blumenau em 1892, acompanharam, daí por diante, passo a passo, a vida de cada uma das povoações em que se foi multiplicando, por toda a vasta bacia do Itajaí, a colonização iniciada pelo filósofo alemão que legou o seu nome à cidade que assenta à foz do Garcia.

Foram eles dignos continuadores da obra infatigável do padre Jacobs, testemunhas das agruras dos primeiros colonos, na árdua empreitada da adaptação às novas condições de vida, ao clima, aos costumes da terra estranha que vinham habitar.

Perlustrando distâncias enormes, por invios caminhos, levavam aos mais remotos recantos das linhas coloniais recém-abertas, a palavra de estímulo e de conforto, o conselho amigo, orientando as nascentes instituições culturais e recreativas, tomando parte ativa na organização dos novos povoados. Nas escolas, na sociedade, na imprensa incipiente, nas comemorações cívicas, sempre estavam presentes, integrados completamente na vida da comunidade.

A história dos franciscanos no Vale do Itajaí começa muito antes da chegada, a Blumenau, em 1892, do grupo de frades, chefiados por frei Amando Bahlmann, mais tarde elevado à dignidade prelatícia. Começa com os dois frades que assistiram ao nascimento da atual cidade de Itajaí; com frei Pedro Antônio de Agote, que presidiu à construção da primeira capela, em torno da qual se foi organizando a freguesia do Santíssimo Sacramento; com frei Ramon Lápi-de, seu auxiliar na tarefa de levar o conforto espiritual aos caboclos simples, espalhados pelas margens do grande rio; com o padre Gattone, com o padre Matz e outros que trouxeram o concurso da sua experiência aos primeiros colonos.

Mas não é, propriamente, a história dos franciscanos no Vale do Itajaí que desejamos focalizar nestas linhas. Ela não poderia ser resumida às poucas páginas de um artigo de revista. Desejamos, sim, dizer alguma coisa dos filhos do Vale do Itajaí que, empolgados pelos exemplos de piedosa atividade, de incansável zelo pela causa da religião, da educação da nossa gente, dentro dos mais rígidos princípios da moral, de um trabalho inteligentemente orientado para a abastança individual e a grandeza da pátria, resolveram também ingressar nas fileiras desses abnegados seguidores do seráfico pai.



D. Inocêncio Engelke, natural de Joinville, foi o primeiro brasileiro do sul a ingressar na província franciscana da Imaculada Conceição, depois da sua reestruturação. É o atual bispo de Campanha, em Minas Gerais.

* * *

O número de indivíduos, nascidos dentro dos limites da maior bacia hidrográfica de Sta. Catarina, que se alistaram no exército franciscano, é enorme, atestando, de maneira estupenda, a eficiência de um apostolado, sem dúvida abençoado por Deus.

E dentre êles, dois devem ser, logo de início, postos em destaque, pela dignidade a que foram alçados, de pastores de vastas dioceses brasileiras.



D. Daniel Hostin, bispo de Lajes, nasceu em Gaspar e foi, por vários anos, vigário de Blumenau, a que está ligado pelo nascimento e pelo coração.

* * *

Quando a Escola Gratuita São José, de Petrópolis, de que D. Inocêncio fôra diretor, completou o seu meio século de existência, em 1947, êsse antístete compareceu aos festejos, como hóspede de honra, tantos foram os amigos e discípulos

O primeiro, Dom Inocêncio Engelke, que ainda agora, arcado ao peso dos anos e das enfermidades, dirige os destinos do bispado de Campanha, em Minas Gerais, não é, propriamente, filho do Vale do Itajaí. Nasceu em Joinville, a 11 de março de 1881. Está, entretanto, ligado a Blumenau porque para cá veio ainda criança, em companhia de seu pai, Guilherme Engelke, que se estabelecera em Salto Weissbach e que, por mais de um ano, ocupou o posto de chefe do executivo municipal, como presidente da câmara de vereadores. Recebendo, na pia batismal, o nome de Francisco, o futuro Dom Inocêncio fez os estudos primários e secundários no Colégio Seráfico de Blumenau, ao fim dos quais, resolvido a incorporar-se às hostes dos frades menores, recebeu o hábito a 13 de março de 1898. Há nesse fato, uma circunstância digna de ser registrada: foi êle o primeiro brasileiro do sul que entrou para a Ordem franciscana. Feitas as profissões simples e solene, aquela em 1899 e a última em 1902, foi ordenado sacerdote a 31 de janeiro de 1907.

Depois de um período como reitor da Escola Gratuita S. José, de Petrópolis, passou a guardião do convento de Curitiba, onde permaneceu seis anos e onde o foi encontrar a sua eleição para bispo auxiliar de Campanha.

Foi sagrado a 4 de julho de 1924. Com a morte do titular, Dom João de Almeida Ferrão, D. Inocêncio tornou-se bispo efetivo a 25 de janeiro de 1935.

Seria ferir a modéstia, em que prima por viver, aludir às obras de D. Inocêncio à frente da sua diocese. Para avaliar-se, entretanto, quanto Deus abençoou os esforços desse bispo no setor das vocações sacerdotais, os seus sacrifícios auxiliando pais pobres na educação de seus filhos com tendência para a vida religiosa, basta dizer-se que as 54 paróquias, de que se compõe a diocese de Campanha, tôdas elas estão providas de párocos, filhos da própria diocese, privilégio de que, parece, nenhuma outra no Brasil se pode orgulhar.

D. Inocêncio teve a ventura de festejar em 1957 o seu cinquentenário de sacerdócio e em 1949, as bodas de prata episcopais, tendo, há dois anos atrás, comemorado 60 anos de vida franciscana.

que o procuraram para abraçá-lo, que a sua murça de seda ficou em petição de miséria, tendo as bondosas Irmãs de Santa Catarina que lhe preparar uma nova, para substituí-la.

O outro bispo franciscano do Vale do Itajaí, é o da diocese de Lajes, D. Daniel Hostin, ligado a Blumenau pelo nascimento e pelo coração.

Descendente de pai belga e de mãe originária de São Pedro de Alcântara, neste Estado, nasceu D. Daniel em Gaspar, hoje cidade e município, a 2 de abril de 1890. Fez seus estudos no seminário de Blumenau, recebendo o hábito franciscano em Rodeio, a 16 de janeiro de 1910. Depois de proferidos os votos simples, em 1911, e solenes em 1914, foi ordenado sacerdote a 30 de novembro de 1917, em Petrópolis.

Vindo para Blumenau, foi pároco ativo e zeloso na cura de almas, atendendo, também, à paróquia de Indaial. Depois de vários anos de apostolado no município natal, tendo, durante esse tempo, procedido à reforma e ampliação da Igreja Matriz, Dom Daniel foi nomeado guardião do convento franciscano de Curitiba e, posteriormente, do de Petrópolis, onde o foi surpreender a escolha para bispo da nova diocese de Lajes, a 30 de julho de 1929. Foi sagrado na matriz de Blumenau, pelo snr. Arcebispo de Florianópolis. Na ocasião, foram-lhe prestadas imponentes, justas e mui significativas homenagens, pela população local, que vibrou de alegria pela elevação do seu antigo vigário à dignidade episcopal. Depois de receber, também, as manifestações de apreço do governo do Estado, então ocupado pelo dr. Adolfo Konder, D. Daniel, em acidentada viagem de cinco dias, em que, da capital à sede da diocese, valeu-se de várias conduções, desde o automóvel, o caminhão, o carro, a carroça, o cavalo, a canoa e até os próprios pés, foi tomar posse do cargo com que a Santa Sé o distinguiu.

Durante os trinta anos que já perdura o seu episcopado, D. Daniel mostra-se um pastor prudente e sábio. Seria, certamente, desgostar esse bom pai e amigo, ferí-lo na sua modéstia e simplicidade, falar da proveitosa ação por ele desenvolvida, no vasto território da sua diocese, ora dividida. Já cansado de duras lides, dos inumeráveis percalços encontrados no exercício do pesado encargo, D. Daniel tem agora o seu auxiliar, na pessoa de D. Afonso Niehus, outro ilustre catarinense, podendo, assim, repartir com este jovem e culto prelado as responsabilidades do seu pastoreio.

Para se aquilatar do proveito colhido pela atuação de D. Daniel, basta comparar-se os dados do balanço, por ele mesmo feito, ao proferir a oração gratulatória, na posse de D. Afonso.

Tendo recebido a diocese, com seis paróquias apenas, enormes e quase tôdas desprovidas de pároco, contava com um padre secular e 15 franciscanos. Ao tomar posse o bispo auxiliar, a diocese contava com 46 paróquias, 30 padres seculares, 43 franciscanos, 5 capuchinhos, 8 salvatorianos, 5 camilianos, 8 missionários de São Francisco de Sales, 5 do Coração de Jesus, 8 carlistas, 6 redentoristas e 2 passionistas, ao todo 127 padres. Há, também, o seminário diocesano de Lajes, o pré-seminário em Piritiba, outro franciscano em Luzerna, o dos salvatorianos em Videira, o dos camilianos em Iomerê, o dos padres do Coração de Jesus em Ibicaré, o dos de São Francisco de Sales em Caçador, mais 6 ginásios dirigidos por religiosos, colégios, hospitais, etc. de Irmãs da Divina Providência e das Servas do Espírito Santo, além de inúmeras escolas primárias paroquiais.

Como se vê, trinta anos de um apostolado proveitoso, que Deus inspirou.

Esses dois dignatários da igreja, foram os escolhidos dentre centenas de sacerdotes franciscanos, naturais dos vários municípios compreendidos na Bacia do Itajaí, os quais, não apenas pelo número, grandemente expressivo, mas, sobretudo, pelas virtudes, pela dedicação à causa de Deus, do adiantamento moral e cultural do nosso povo, do engrandecimento e glória da nação brasileira, honram a terra em que nasceram.

O que dizem de nós

Em cartas e artigos de imprensa, teem-nos chegado, seguidamente, manifestações, muito lisongeiras, de estímulo e apôio à obra que vimos realizando, com a publicação de "Blumenau em Cadernos". Há poucos meses, o ilustrado professor Joaquim de Sales, em artigo no "Lume", de Blumenau, teceu comentários que sobremodo nos honram e desvanecem. Agora, Arnaldo Brandão, outra expressão mui destacada da intelectualidade catarinense, no "Jornal do Povo", de Itajaí, vitorioso semanário de Abdon Fôes, e sob o título: "Está faltando um Caderno", publica considerações em tôrno do nosso mensário, muito interessantes e que muito nos penhoram. Infelizmente, dado o pouco espaço de que dispomos, não podemos transcrever êsses artigos. Agradecemos, entretanto, do fundo do coração, aos articulistas a generosidade com que nos tratam e asseguramos-lhes que as palavras de aplauso, de louvor e apôio com que nos teem estimulado, não cairão em terreno estéril. Servir-nos-ão de novo alento para vencermos mais esta caminhada, que com o presente número iniciamos.

O dr. Hitoschi Nomura, que há pouco esteve em Blumenau e que serve no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, escreveu as seguintes linhas, que sinceramente agradecemos, a respeito dos "Cadernos":

"Numa época tremendamente materialista, é um confôrto saber que ainda há muitos cultores da vida e da obra dos homens que vieram a fundar cidades que atualmente se encontram em franco progresso. Curioso é notar que, quanto mais cresce uma cidade, menos atenção se presta às personalidades do passado. Isto pelo menos não vem acontecendo no Vale do Itajaí, onde um punhado de homens, que nasceram nessa região, vêm publicando aspectos interessantes do período colonial, não se esquecendo de divulgar o passado dos grandes homens, cujos exemplos de honradez, cultura e trabalho devem e podem ser seguidos, a fim de que "a nossa vida possa ser sublime, útil à pátria e à humanidade".

Não conhecemos publicação histórica mensal, em lugar algum do país, que seja destinada especialmente ao público e confinada a uma região tão pequena do resto do Brasil, como essa a que nos referimos linhas acima, e que leva o nome de "Blumenau em Cadernos". Dessa revista, dois tomos completos (I e II — 1958 - 1959) já foram publicados, e recebidos com o máximo agrado pelos seus leitores.

Em vista de sermos admiradores da vida e da obra de Fritz Müller, fazemos uma sugestão aos dirigentes da revista: Por que não inserir, em vernáculo, as cartas do notável naturalista, que contém muitas coisas interessantes sôbre a vida animal e vegetal do vale do Itajaí?

Que os "Cadernos" tenham vida longa e próspera são os desejos de Hitoshi Nomura (Estatístico Marinho, Serviço de Biologia da Pesca, Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo).

CORREIO HÁ 135 ANOS ATRÁS

Para que os nossos leitores tenham uma idéia de como funcionava o correio, pelos anos de 1825, entre a então cidade de Destêrro e a capital da província de São Pedro, vamos, a título de curiosidade, transcrever o seguinte: "Regulamento do correio, aprovado por Sua Majestade imperial, por portaria de 5 de janeiro daquele ano:

I) — No dia 1.º e 16 de cada mês sairá o correio desta cidade (Destêrro) para a de Pôrto Alegre e Vila São Pedro (atual cidade de Rio Grande) e voltará nos dias 13 e 28, ficando os dias 14 e 15, 29 e 30 para as falhas e respostas das cartas.

II) — Cada mala terá um cadeado e este três chaves, uma que deve existir na mão do administrador geral nesta cidade, outra na do correio assistente, na Laguna e a terceira em Pôrto Alegre. Na expedição do primeiro correio, irão as duas chaves da Laguna e Pôrto Alegre, metidas em cartas fechadas.

III) — O condutor seguirá a estrada de terra; no primeiro dia irá pernoitar na Enseada de Brito, na casa do comandante Tomás da Costa; no segundo dia, na casa do comandante da Vila Nova e no terceiro dia, pelo meio dia, se apresentará na Laguna, em casa do correio assistente, Francisco Gonçalves Barreiros.

IV) — Ai o segundo condutor recebendo a mala, partirá no quarto dia e irá pernoitar em Campo Bom, na casa do Rabelo, no quinto dia irá aos Conventos, à casa de Dona Brígida, no sexto ao Registro das Tôrres, onde entregará a mala.

V) — No sétimo dia, receberá a mala que deve ter chegado de Pôrto Alegre e fará as mesmas jornadas, tendo de falhar a tarde do quarto dia na Laguna; tanto a falha desta tarde como a do primeiro condutor que vai desta cidade são destinadas a receber nas malas as cartas de Laguna e suas imediações.

VI) — Na expedição dos correios, andarão os dois soldados, que voluntariamente se ajustarão, um existirá nesta cidade, para conduzir a mala à Laguna e voltará e outro existirá na Laguna, onde deve receber a mala, levá-la às Tôrres, voltar com a de Pôrto Alegre e entregá-la ao Administrador dos correios para este a expedir pelo condutor desta cidade.

VII) — Os comandantes dos distritos darão todo o auxílio de que necessitarem os ditos condutores e no caso de moléstias destes, ou de qualquer outro incidente, proverão de maneira que o correio não pare.

VIII) — Os passageiros dos barcos de passagem dos rios ou enseadas passarão os condutores sem demora e sem lhes levar paga, por ser condição imposta no contrato não cobrarem pagamento das pessoas que passam em serviço.

IX) — Cada condutor receberá pelo cofre da administração do correio, 200 réis diários, além dos seus vencimentos, ficando isento do serviço do corpo, enquanto neste exercício andar.

X) — O administrador desta cidade, receberá 30\$000 anualmente pela incumbência da administração do correio geral, pagos pelo produto das cartas, enquanto o pouco vencimento não permitir outra remuneração, suprimindo a Junta da Fazenda com o que faltar, na forma autorizada por S.M.I. por provisão de 14 de janeiro de 1823.

XI) — Por cada carta de 4 oitavas, entre esta cidade e Pôrto Alegre e Vila de São Pedro, cobrar-se-á 80 réis, aumentando-se 40 réis em cada duas oitavas que tiver de mais; pelas cartas que vierem da vila de Laguna e suas imediações para esta cidade, pagar-se-á 40 réis, tendo 4 oitavas, crescendo 10 réis em cada oitava que de mais tiver e pelas cartas que vierem de Pôrto Alegre e Vila de São Pedro para a Laguna se pagará 60 réis, tendo 4 oitavas e assim na proporção.

XII) — Será permitido pagar as cartas para serem franquizadas, pondo-se a verba da declaração para serem conduzidas particularmente.

XIII) — Fica proibido mandar cartas para Pôrto Alegre e São Pedro, sem ser pela mala do correio de terra, ou do mar, partindo embarcações e o mesmo para a Vila da Laguna, com a pena do pagamento do dôbro do porte, do quadruplo na reincidência e assim por diante, na conformidade das instruções, de 20 de junho de 1805.

XIV) — Pertence à Junta de Fazenda regular a escrituração do Correio Geral e dos assistentes da maneira que achar conveniente, como os outros ramos das suas incumbências.

XV) — Como por falta de estrada se não pode estabelecer o correio para a Vila de São Francisco e Paranaguá, a incorporar-se no correio de São Paulo, fica reservado a êsse tempo a combinação dos dias de tal maneira, que o correio da provincia de São Pedro entre nesta cidade dois dias antes da partida do de São Francisco. Estas providências terão execução enquanto S.M.I. não mandar o contrário.

Cidade do Destêrro, 29 de março de 1825. João Antônio Rodrigues de Carvalho”.



LOGO que os primeiros imigrantes se instalaram nos lotes que lhes foram destinados pela direção da Colônia Blumenau, deram início, entre outras, à cultura do café. Foram feitas muitas plantações dessa rubiácea, cuja produção alcançou logo índice bem considerável. Mas, entre 1860 e 1870, geadas quase contínuas, foram, paulatinamente, acabando com os cafezais já feitos e desencorajando novas plantações. Respondendo, assim, a uma consulta, que lhe foi feita pelo presidente da provincia, a respeito da área cultivada e da produção de café, na colônia, o dr. Blumenau dizia: “Desde as fortes geadas do princípio do decênio de 1860 a 70, que estragaram as plantações, aliás bastante consideráveis, que existiam, os colonos perderam o ânimo para esta cultura, a qual quase que foi abandonada. Não é, portanto, possível, indicar-se o rendimento regular de superficie certa, bem que o cafezeiro, em diferentes localidades da colônia, produz abundante fruto”.

Ao contrário do fumo, que vem sendo cultivado em larga escala, desde os primeiros anos da colônia, a cultura do café desapareceu, praticamente, de Blumenau.



6.º DR FRITZ MUELLER — (1892)

Ao focalizarmos a administração do dr. José Bonifácio Cunha, no "caderno" anterior, vimos que o Dr. Frederico Mueller fôra nomeado presidente do Conselho de Intendência e, como tal, empossado à fôrça a 7 de abril de 1892.

Fritz Mueller, médico, filósofo e sábio de renome universal, grande amigo e colaborador de Darwin, imigrara em Blumenau em 1852, dois anos depois da fundação da colônia. Nomeado professor de matemáticas do Liceu Provincial de Destêrro, mudou-se para a capital da província, onde escreveu o seu mundialmente conhecido "FUER DARWIN" em que apoia, com experiências próprias, as teorias do sábio inglês. Regressando, em 1867, a Blumenau, aí se fixou definitivamente, tomando parte ativa na vida da comuna, das suas sociedades culturais e recreativas, na sua imprensa. Era, porém, de gênio áspero e desabrido. Defendia as suas convicções materialistas com tal intolância que poucos eram os que a êle se afeiçoavam. Gozava de geral antipatia na colônia, embora todos lhe reconhecessem o extraordinário valor intelectual. Nos cargos públicos que exerceu, na colônia e no município, nem sempre agia com serenidade. O próprio Dr. Blumenau, que era seu amigo, queixa-se, várias vêzes, da sua aspereza. É natural que o vamos encontrar, portanto, na época de que tratamos, na oposição às principais figuras políticas do lugar. Colocado, pela violência, no governo do município, os seus primeiros atos foram no sentido de desfazer o que o seu antecessor havia praticado.



Nomeou procurador da Intendência a Paulo Schwartzler, que colaborara no "Immigrant", órgão simpático à oposição e secretário Hugo Riedel. A Intendência deu os primeiros passos para as eleições que em breve deveriam realizar-se, dividindo, para isso, o município em 11 seções eleitorais. O destacamento policial, trazido pelo dr. Servílio de Araújo, mantinha-se em Blumenau para garantir o funcionamento da Intendência, pois, os seus adversários não descansavam um instante na luta surda que desencadearam, no sentido de desmoralizá-la.

Fritz Mueller aguentou-se poucos dias no poder. A sua atuação parece que não agradou nem mesmo aos seus correligionários. Foi demitido pelo governo a 4 de maio seguinte.

Durou, assim, a sua permanência na Intendência, apenas 27 dias. Uma administração que se resumiu num episódio sombrio de uma época ainda mais escura.

SIGNIFICATIVO ACONTECIMENTO

No número 6, do 2.º Tomo destes "Cadernos", aludimos, ligeiramente, ao centenário, que transcorre neste mês, da passagem da Colônia Blumenau para o domínio do governo imperial. Conforme então dissemos, ao fundar o estabelecimento que lhe imortalizaria o nome, o doutor Blumenau fê-lo por iniciativa e conta próprias.

Durante dez anos consecutivos, lutou contra tôda a sorte de adversidades: má vontade dos dirigentes provinciais, ingratidão dos colonos, temporais e enchentes, doenças e, sobretudo, falta premente de dinheiro para levar avante a sua obra. O imperador D. Pedro II, que sempre se mostrara grande amigo do fundador, por mais de uma vez tirou-o de aperturas financeiras, concedendo-lhe empréstimos. Tinha, com sobradas razões, confiança absoluta no doutor Blumenau e na vitória dos seus ideais.

Entretanto, com a chegada de sempre maior número de colonos, cresciam, também, as dificuldades financeiras. Não viu, o doutor Blumenau, outra solução senão que o governo tomasse a seu cargo o empreendimento, providência que sugeriu em vários relatórios e que chegou a bom têrmo à 13 de janeiro de 1860, com a assinatura do contrato que, a seguir, transcrevemos, na íntegra e do qual possuímos cópia autenticada pelo próprio fundador.

Com essa providência, dispondo, agora, o dr. Blumenau, de suprimentos anuais de numerário, livre da obrigação de pagar transporte e auxílios aos imigrantes, comissões aos seus aplicadores na Europa, etc., a colônia tomou novo impulso e, graças à sábia orientação do seu fundador e diretor, às severas medidas de economia, de bom emprêgo das verbas, de absoluta honestidade administrativa, tornou-se o maior empreendimento de colonização da América do Sul, transformado, hoje, em nada menos de duas dezenas de municípios prósperos, fontes de incalculável riqueza e de bem-estar individual e coletivo.

O fato, portanto, não deveria ser, apenas, relembrado em artigos da imprensa. Deveria ser comemorado como um dos acontecimentos mais importantes da vida de Blumenau, um dos sucessos marcantes do seu extraordinário desenvolvimento.

Eis o teor do contrato acima referido:

"Têrmo de cessão, que o doutor Herman Blumenau faz da colônia de seu nome, no Itajaí, ao govêrno imperial:

Aos treze do mês de janeiro de 1860, nesta Repartição Geral das Terras Públicas, presentes o conselheiro de Estado, Diretor Geral da mesma, Manoel Felizardo de Souza e Melo e o fiscal interino Joaquim Inácio Alvares d'Azevedo, compareceu o doutor Hermann Blumenau e disse que, por si e seus herdeiros, aceitava as condições seguintes:

1.^a) — O doutor Blumenau entrega ao govêrno imperial tôdas as terras, que possui no rio Itajaí, cuja área, para os efeitos sômente de maior clareza, se avalia em 20 léguas quadradas, mais ou menos, com exceção, apenas, das que formam o sítio da Velha e do Salto, que continuarão a ser propriedade do mesmo doutor, não excedendo de meia légua quadrada a área de ambas reunidas. — Com as terras assim cedidas, passarão, também, para o govêrno imperial, tôdas e quaisquer proprie-

dades imóveis e benfeitorias que nelas tinha o dr. Blumenau, bem como o estabelecimento, que êste possui na barra do Itajaí, para recepção dos colonos, que desembarcarão.

2.^a) — O govêrno imperial recebe as ditas terras no valor de Rs. 120:000\$000 (cento e vinte contos de réis), dos quais, deduzidos Rs. 85:000\$000 (oitenta e cinco contos de réis), de que é credor, entregará Rs. 30:000\$000 (trinta contos de réis), por haver o dr. Blumenau recebido já Rs. 5:000\$000, por conta dêsse preço. — O doutor Blumenau apresentará todos os documentos do domínio que tem sôbre essas terras e um inventário exato do que nelas existir.

3.^a) — Com a assinatura dêste contrato se haverão por entregues as terras e pagos ao dr. Blumenau Rs. 35:000\$000, aqui garantidos, ficarão rescindidos todos os contratos anteriores, celebrados entre êle e o govêrno imperial, e saldadas tôdas as contas entre ambas as partes.

4.^a) — Se os colonos, por suas dívidas ao dr. Blumenau, e que continuam a pertencer a êste, estiverem obrigados a juros superiores a 9%, será a taxa reduzida à indicada quota, tanto em relação ao passado, não pago ainda, como ao futuro. Nas transações, porém, que de ora em diante fizer o dr. Blumenau com qualquer colono que tenha mais de um ano de residência na colônia, a taxa do juro dependerá de livre acôrdo entre o mesmo doutor e o colono.

5.^a) — O govêrno toma a si a colônia Blumenau, e lhe dará o desenvolvimento que julgar conveniente e pela maneira que mais acertada julgar, obrigando-se o doutor do mesmo nome, a prestar nela os serviços que o govêrno imperial dêle exigir, na qualidade de diretor, ou de auxiliar do diretor, mediante uma gratificação não superior a Rs. 4:000\$000 (quatro contos de réis) por ano.

6.^a) — Ficam garantidos os contratos sôbre terras, até esta data celebrados pelo dr. Blumenau com colonos, como empresário da colônia ora cedida.

7.^a) — Os contratantes renunciam a todos os casos fortuitos e extraordinários, sólitos e insólitos, cogitados ou não cogitados, e em todos e em cada um dêles ficam sempre obrigados, sem dêles se poderem valer, nem os poderão alegar em tempo algum, e para qualquer efeito que seja, e ao mesmo tempo renunciam qualquer direito à indenização, sob qualquer pretexto ou título que seja.

8.^a) — Fica, quanto à execução, dependente o presente contrato de aprovação do govêrno imperial. E para firmeza do presente contrato, mandou o referido conselheiro de Estado lavar êste, que assinou com o referido fiscal e com o dr. Herman Blumenau. Repartição Geral das Terras Públicas, em 13 de janeiro de 1860. (Assinados:) Manoel Felizardo de Souza e Melo, Joaquim Inácio Alvares d'Azevedo, Dr. Hermar.n Blumenau”.

No final da cópia em nosso poder, e com letra do dr. Blumenau, há a seguinte nota, referente ao montante do débito do fundador, a ser descontado da importância por quê foram cedidos os seus bens imóveis: “Foi um êrro e o meu débito importava sômente em 82:800\$000, como mostrei por requerimento de 17 de fevereiro de 1860, ao govêrno imperial, reclamando mais 2:200\$000, mas tendo ficado indeferido”.

Na página 230 do II.^o Tomo dêstes “Cadernos”, encontrarão os leitores a transcrição do inventário e avaliação dos bens que serviram de base à transação.

Ao transferir a colônia ao governo imperial, o dr. Blumenau entregava, ao país, um empreendimento, verdadeiramente notável para a época, conforme se verifica dos seguintes dados:

População da colônia: 943 habitantes, todos imigrantes, sendo 553 homens, ou 59% e 390 mulheres, ou 41%. Quanto à religião, eram católicos 64 pessoas, ou 7% do total e protestantes 879, ou 39% do total. 716 desses habitantes estavam constituídos em 171 famílias e os restantes 227 eram solteiros, extranhos a essas famílias. — Quanto à idade: 132 (14%) eram crianças de 1 até 5 anos de idade; 181 (19%) eram de 5 a 14 anos; 80 (8%) eram de 14 a 20 anos; 252 (27%) eram de 20 a 30 anos; e 298 (32%) eram maiores de 30 anos. De 1850, data da fundação, até fim de 1859, haviam se dado na colônia 143 nascimentos (15%) e 69 óbitos (7%). O número de habitantes acima referido, foi o de imigrantes entrados na colônia, no primeiro decênio. Mas, desses 273 (28%), na maioria moços que se dirigiram às cidades em busca de serviços mais leves, abandonaram a colônia, de sorte que a população, na data da transferência era realmente de 749 pessoas, das quais 394 do sexo masculino e 350 do feminino.

O número de lotes coloniais ocupados, em fins de 1859, era de 169, numa área de 5.408 hectares. A produção da colônia, no mesmo ano, foi a seguinte, de acôrdo com dados extrídos do relatório do fundador: 2.500 arrobas de açúcar; 1.430 alqueires de farinha de mandioca, 27.400 mãos de milho; 101 arrobas de fumo em folha, 17.400 medidas de cachaça; 404 alqueires de feijão; 33 arrobas de café. A exportação foi estimada em 13:200\$000 e a importação em 25:000\$000. Existiam os seguintes artífices e industriais: 6 marceneiros, 3 pedreiros, 2 ferrarias, 6 carpinteiros, 1 lancheiro, 2 alfaiates, 3 sapateiros, 1 pedreiro, 1 latoeiro, 1 farmacêutico, 1 médico, 2 professores, 1 parteira, 1 açougueiro, 3 negociantes, 2 casas de pasto, 34 engenhos de açúcar, 24 engenhos de mandioca, 2 moinhos de fubá, 3 olarias, 1 fábrica de louça de barro, 1 cervejaria, 2 serrarias, 1 fábrica de vinagre e uma fábrica de charutos.

O gado constava de 245 cabeças de vacuns, 37 cavaleiros, 735 suínos e aproximadamente 1.200 aves domésticas. Já havia 7 quilômetros (mais precisamente 6.844 metros) de estradas carroçáveis e 10.766 metros de caminhos para pedestres e cavaleiros. A superfície da colônia era estimada em 24 léguas quadradas.

“Blumenau em Cadernos”

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

UM FUNCIONÁRIO EXEMPLAR

LEMBRANDO O 79.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE HERMANN WENDEBURG

No mesmo dia em que a colônia Blumenau festejava o 20.º aniversário da sua transferência para o domínio e administração do governo imperial, um fato lutooso consternou tôda a sua laboriosa população. Morrera, à 13 de janeiro de 1881, o mais dedicado, o mais prudente e o mais operoso dos auxiliares do Dr. Blumenau, o sr. Hermann Wendeburg. A memória desse homem, que foi um modelo de funcionário trabalhador e honesto, não está sendo cultuada, como merece. Houve tempo em que uma das principais ruas da cidade ostentava o seu nome. Mudaram-no, porém. No gabinete do sr. Prefeito existe o seu retrato a óleo, belo trabalho de um artista alemão. Deve permanecer sempre ali, para que o seu espírito inspire os dirigentes municipais, em tôdas as épocas, a continuarem a tradição de dignidade, de honradez, de absoluto respeito pela causa pública, legada pelos nossos antepassados. Uma placa de bronze, com a sua efígie, deveria figurar no pedestal da estátua do dr. Blumenau, porque Wendeburg foi o braço direito do fundador da colônia, foi o homem da sua absoluta confiança.

Em ofício n.º 8, de 21 de janeiro de 1881, dirigido ao presidente da província, o dr. Blumenau faz o necrológio desse modesto servidor, admirável pela modéstia e dedicação ao seu chefe. Esse ofício, que transcrevemos a seguir, na íntegra, é o maior elogio que se poderia fazer às virtudes de Wendeburg:

“Cabe-me o muito doloroso dever de participar a V. Excia. o infausto e repentino falecimento do guarda-livros da diretoria a meu cargo, Hermann Wendeburg, no dia treze deste mês, o mesmíssimo dia, em que comigo, faz vinte anos, em 1860, havia entrado no serviço do governo, depois de me ter servido, como auxiliar e guarda-livros, já dantes e durante cerca de cinco anos, na minha empresa particular de colonização. Foi vítima de uma “angina pectoris”, que o fulminou, e morreu quase como o bom soldado no campo de batalha: — para coligir alguns dados estatísticos, que ainda faltavam para o relatório geral sobre o ano, que acaba de findar, êle tinha, ainda que já algum tanto incomodado de saúde, ido a Gaspar e o calor abrasador do dia talvez que contribuisse para a precipitação do êxito fatal; pois que, pouco tempo depois da volta em casa, sofreu um fortíssimo ataque e mais meia hora depois já era cadáver.

O Estado — e especialmente esta colônia — perdeu com êle um muito honesto e distinto servidor e eu perdi um dedicado, sincero e honrado amigo, um inteligente e laborioso cooperador, que desde cerca de vinte e seis anos me tem auxiliado na árdua tarefa, com que a própria vontade e o fado, faz agora trinta e quatro anos, me carregaram, que durante muitos anos foi minha felicidade, mas nos últimos se me converteu em fonte de pungentes amarguras e aflições!

O falecido deixa sua mulher e família, composta de uma filha e um filho, ainda crianças, duas filhas menores e um filho moço, apenas entrado em Buenos Aires na vida comercial e apenas capaz para se sustentar a si mesmo, e um velho sógro e a mulher dêle, absolutamente indigentes, infelizmente em melindrosas circunstâncias para o seu futuro modesto sustento.

À vista dos merecimentos do seu falecido chefe, seria portanto uma graça bem entendida e bem aplicada, conceder, o govêrno imperial, à infeliz família, um auxilio pecuniário extraordinário por algum tempo e até que ela mesma possa prover à sua subsistência.

Para suprir o falecido no seu lugar de guarda-livros, ou escriturário, emprego provisoriamente o auxiliar do mesmo, Henrique Avé-Lallemant, e para suprir a êste, emprego desde o dia quinze dêste mês, também provisoriamente, o anterior ou antigo escrevente, que durante longos anos tem servido a esta diretoria, Teodoro Kleine Senior, solicitando, respeitosamente, a V. Excia. se digne aprovar êstes meus atos, e dando eu hoje parte do ocorrido também ao Ministério da Agricultura por intermédio da Inspetoria Geral das Terras e Colonização”.

A margem dêsse officio, o presidente da provincia, que era o dr. João Rodrigues Chaves, escreveu, à lapis, esta recomendação ao seu secretário: “Responda que, ciente do falecimento do guarda-livros dessa diretoria, Hermann Wendenburg, que sinceramente lastimo, cabe-me dizer-lhe que deve a viúva dêsse empregado, requerer ao govêrno imperial, a graça de uma pensão, devendo contar que informarei a sua súplica como ela merece e com parecer de manifesta equidade. Que nomeio, provisoriamente, escriturário Avé-Lallemant, que indica, e nada há a fazer em relação a quem empregou como auxiliar de escriturário, criado por lei de 31 de janeiro de 1881”.



O dr. Blumenau era extremamente escrupuloso no emprêgo dos dinheiros públicos confiados à sua guarda. O officio que, em outubro de 1879 o mesmo endereçou ao presidente da provincia é uma significativa amostra: “Tendo-se, pelo longo uso, gasto uma porção de objetos do serviço do Hospital e tornando-se indispensável renová-los, solicito autorização para comprar:

31 lençóis de pano americano a 2\$200	68\$200
8 camisas para homem a 2\$000	16\$000
6 ditas para adolescentes a 1\$500	9\$000
	93\$000

Permito-me acrescentar que, tendo-se desde 1.º de julho até agora, realizada no hospital e de enfermos que tiveram de pagar seu tratamento, a quantia de Rs.113\$600, que hoje foi recolhida ao cofre da Diretoria e tendo de entrar no do Estado a despesa supra e urgente fica mais que coberta.”



Estante dos “Cadernos,”

★ “A FUNDAÇÃO DO RECIFE” — Hermógenes Viana — Editora da Imprensa Industrial — Recife, 1959 — O Dr. Hermógenes Viana, da Academia Pernambucana de Letras e de muitas outras associações culturais do país e do estrangeiro, pode ufanar-se de contar já com preciosa bagagem literária. Versando os mais variados assuntos, desde a crônica, o conto, o teatro até o livro didático, êsse erudito patricio tem-nos dado trabalhos interessantes em que patenteia os seus muitos e variados dotes intelectuais. Senhor de estilo simples e claro é sempre lido com prazer e proveito. Enfileirando-se aos historiadores do seu Estado, tem realizado pesquisas muito proveitosas para esclarecimento do passado pernambucano. Seu recente trabalho, “A Fundação do Recife”, de que teve a gentileza de nos mandar um exemplar, versa uma tese mui curiosa e chega a conclusões, que tem sido contestadas, mas que inequivelmente, assentam em sólidas bases históricas. Traduzido em várias línguas, êsse estudo é sério, preciso, merecedor dos mais francos en-cômios.

★ “CORTINA AMARELA” — Arnaldo Brandão — Gráfica Laemert, Rio, 1959. — O jovem intelectual itajaiense, que já nos tem mimosado com vários trabalhos de grande valor literário, acaba de enfeixar, em livro de magnífica apresentação, seis peças teatrais de sua autoria. São composições ligeiras, em um ato, que se lê com prazer crescente, pela simplicidade do estilo, pelo bom arranjo dos enredos e situações. As estações de rádio, as casas de espetáculos ligeiros, muito teriam a lucrar com a representação das peças de Arnaldo Brandão, que certamente agradariam em cheio. Agradecemos o exemplar que, com honrosa dedicatória, nos foi ofertado e cumprimos o brilhante homem de letras conterrâneo, por mais essa vitória.



FOI, praticamente, da Sociedade de Atiradores, a “Schuetzenverein”, cujo centenário de fundação ocorreu no ano passado, que saiu o primeiro grupo de voluntários da pátria que foram, de Blumenau, combater nos campos do Paraguai, em 1865. A organização dêsse grupo, as providências para o seu embarque para a capital da província etc., coube a Hermann Wendeburg, como diretor interino da colônia, pois o efetivo, o dr. Blumenau, se achava à serviço, na Europa.



PELOS FINS DO ANO DE 1872, chegou a Itajaí, o veleiro “Henry Knight”, trazendo à bordo uma centena de imigrantes destinados às colônias de Blumenau e Brusque.

Os colonos queixavam-se amargamente de terem sido maltratados pelo comandante e tripulação, tendo até passado fome durante a travessia do Atlântico. O dr. Blumenau levou a queixa ao conhecimento das autoridades competentes e à casa comissária, que era a de Louis Knorr & Cia., de Hamburgo. Esta desculpou-se como pôde, ou melhor, desmentiu as acusações, lamentando que, no pôrto de desembarque, não houvesse uma entidade que, em casos tais, procedesse a inquérito, examinando a condição dos gêneros fornecidos aos imigrantes, a bordo, e investigando sôbre o tratamento por êles recebido do pessoal do barco. Achando, em muitos casos, justa a queixa da firma comissária, o dr. Blumenau oficiou à presidência da província propondo a criação de uma comissão, no pôrto de Itajaí, para opinar e decidir em casos semelhantes que viessem a ocorrer. Essa comissão seria, segundo a opinião de Blumenau, da máxima utilidade, já porque corrigiria defeitos que vinham ocorrendo nos transportes de imigrantes, como serviria de aviso às emprêsas de transporte marítimo para que oferecessem melhor tratamento aos imigrantes. Sugeria, então, o dr. Blumenau, que a comissão fôsse composta dos seguintes membros: o juiz de Direito ou o juiz municipal, o administrador da Mesa de Rendas, o prático da barra, um médico, os diretores das colônias Brusque e Blumenau e, enfim, os negociantes José Pereira Liberato e Nicolau Malburg, servindo de substituto do primeiro, no caso de impedimento, João Marques da Silva e, do segundo, o sr. Pedro Müller, pai do grande Lauro Müller.

Parece que a idéia não vingou e os navios continuaram a chegar, abarrotados de imigrantes que diziam horrores do tratamento a que os submetiam, durante o prolongado trajeto, os responsáveis pelo transporte.



BRUSQUE, a risonha cidade do Itajaí-Mirim, colmeia fervilhante de atividade construtora, festeja, neste ano, o seu primeiro centenário de fundação. As providências que as várias comissões de festejos estão tomando, para que as comemorações do feliz evento se revistam do máximo brilhantismo, marcham normalmente. As solenidades comemorativas obedecerão a um programa inteligentemente organizado, que conta com o apóio e a colaboração de tôda a população. Em todos os municípios do Estado e mesmo de outras unidades da federação, estão se organizando caravanas que visitarão a bela cidade, levando aos seus dirigentes e ao seu povo, os seus aplausos e a sua solidariedade.

Christiana Deeke BARRETO

SETEMBRO DE 1959

1 — Realizam-se, com grande brilhantismo, as comemorações programadas para a "semana da pátria", com início a 1.º, quando se verifica, também, a abertura do Concurso de vitrines. Muitas lojas apresentaram artísticas e simbólicas ornamentações. Foi classificada, em 1.º lugar a Casa Peiter, matriz, em 2.º a Casa Buerger, matriz, e, em 3.º a matriz da Drogaria Catarinense.

2 — As festividades comemorativas do 109.º aniversário de fundação da cidade, representam, como sempre, importante colaboração ao programa da Semana da Pátria. Pela manhã, tem lugar a homenagem ao imigrante e ao fundador da colônia, diante dos respectivos monumentos. Falou ao pé do monumento ao imigrante o sr. J. Ferreira da Silva. A banda do 23.º R. I. executou os hinos "Imigrante" e "Dr. Blumenau". À tarde a Câmara Municipal realiza sessão solene, com a presença das autoridades locais e numeroso público, sendo o orador da cerimônia o vereador Abel Ávila dos Santos. À noite tem lugar o "Concurso literário" na Rádio Difusora do Vale do Itajaí, com brilhante palestra do sr. J. Ferreira da Silva, enaltecendo os pioneiros da colonização de Blumenau. No bairro do Garcia há retreta pela Banda do 23.º R. I.

5 — Entre as competições esportivas, como jogos e corridas, além das palestras nas estações de rádio, é realizada, também, como parte do programa, uma exposição de orquídeas, onde a votação popular concede o 1.º lugar a um exemplar exposto pelo sr. Ralf Gross.

Presta compromisso o primeiro grupo de escoteiros, patrocinado pelo Lions Clube e chefiado pelo jovem engenheiro Gerd. G. Leyen.

Grande assistência atrai o festival infantil no Teatro Carlos Go-

mes, onde o professor Rudy Berghauser apresenta duzentos acordeonistas, também como parte oficial do programa da Semana da Pátria. Na mesma noite oferece o comando do Regimento um elegante baile no Quartel, à sociedade blumenauense.

O Clube de Caça e Tiro de Blumenau promove animadas festividades, inaugurando, na ocasião, as suas canchas de bolão, na simpática sede, em belíssimo local à rua Itajaí, realizando competições com equipes de outros clubes da nossa cidade e de fora.

7 — O desfile cívico-militar, realizado após anos, pela primeira vez num dia de sol, é assistido por enorme massa popular, calculada em dez mil pessoas, vibrantes de entusiasmo. Puxado por grupamento de lembretistas, desfilam os colégios, um grupo de ex-combatentes, delegações esportivas e sindicais, o núcleo de escoteiros e, pela primeira vez, os clubes de Caça e Tiro, ostentando as condecorações conquistadas, acompanhando-os um campeão de tiro à cavalo. Após o garboso 23 R. I., encerrando a parada cívica, desfilam o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar e as guarnições da Fábrica de Gaitas e da firma Rodolfo Kander. À noite realiza-se o "Concurso das Bandinhas", instaladas em palanques, ao longo da Rua 15 de Novembro e após a "marche aux flambeaux", organizada pelos sindicatos e pelo 23 R. I.

10 — Visitam a nossa cidade ilustres homens públicos do país: desembargador Eduardo Espindola Filho, do Supremo Tribunal e dr. Adolfo Bezerra de Menezes, secretário do Itamarati, em viagem ao sul do Estado, com destino às minas catarinenses de carvão. Tendo visitado o fôro da cidade, o dr. Marcílio Medeiros, juiz da primeira vara da Comarca, oferece um almoço no Tabajara Tennis Clube aos ilustres visitantes que, no dia se-

guinte, fazem também uma visita de cortezia ao sr. Prefeito Municipal, no seu gabinete de trabalho.

A imprensa local e as estações de rádio, durante todo o mês, empreendem, desde já, uma campanha de publicidade a favor do Hospital Santa Isabel, que à 18 de outubro, comemora o cinquentenário da sua fundação, sendo programados brilhantes festejos para aquela ocasião, em benefício de mais um amplo pavilhão de vários andares, já em vias de conclusão, integrando o conjunto das diversas alas desta modelar casa de saúde. Entre os programas radiofônicos se realça o da Rádio Clube, cedido por uma firma comercial à comissão dos festejos, onde o sr. Sebastião Cruz entrevista, semanalmente, alguns dos nove médicos do Hospital Santa Isabel. Cronistas dos diversos jornais enaltecem a nobre iniciativa da comissão de festejos que, desde já, promove "bingos" e outras reuniões, cujas rendas revertem em benefício do grande nosocômio.

11 — Reunião mensal da "Campanha de Solidariedade Humana" são discutidos os detalhes do movimento "Pró enxoval do bebê pobre", que a entidade pretende lançar.

13 — Com a presença do sr. Izaltino Raisel, atual governador do 465.º distrito do Rotary Internacional, que abrange o território de Santa Catarina, integrado por 25 clubes, realiza o Rotary Clube Blumenau Norte um encontro de confraternização, do qual participam, além dos clubes de São Bento, Jaraguá, São Francisco, Joinville, Brusque, Rio do Sul, Indaial e Blumenau Centro, também os ex-governadores Cleones Bastos, Pedro Milanez, René Frey e João Edgar Moritz.

14 — Por iniciativa do dr. Marcílio Medeiros, serão instalados nos grupos escolares da 3.ª zona eleitoral, constituída pelos municípios de Blumenau, Gaspar e Pomeroda, postos de alistamento eleitoral.

17 — O presidente da "Sanitized", da América do Norte, sr. Kurt Bauer, visita Blumenau, licenciando às principais firmas da indús-

tria têxtil de Blumenau, um novo processo que aumenta a resistência dos tecidos, já adotado pelas fábricas mais importantes do ramo em quase todo o país.

18 — O jornal "A Nação" noticia a declaração do sr. Prefeito Municipal de que brevemente iniciaria as obras de reconstrução da ala do edifício da Prefeitura, destruído pelo incêndio de novembro do ano passado.

18 — No Colégio Estadual Pedro II, os alunos realizam uma solenidade em homenagem e despedida dos ex-mestres, recentemente aposentados, os catedráticos Rodolfo Gerlach, Joaquim de Sales e José Adriano Mosimann.

Em animada solrée, promove a Casa Peiter, matriz, um elegante desfile de modas no salão de bailes do Teatro Carlos Gomes, com apresentação da orquestra argentina de Miguel Caló.

29 — No XI Congresso Internacional de Estradas de Rodagem, no Rio de Janeiro, que tem início nesta data, toma parte o engenheiro blumenauense Egon Stein, Presidente da D.E.R., integrando a delegação de Santa Catarina.

24 — Ocorrem dois lamentáveis desastres de trânsito, o primeiro no bairro do Garcia, onde, por excesso de velocidade, colide uma lambreta com uma carroça, saindo o jovem lambretista Klaus Schadrack, gravemente ferido. O segundo verifica-se em Itoupava-Sêca, onde colidem um automóvel de Florianópolis com uma carroça. O carroceiro sofre sérios ferimentos e os cavalos pereceram no desastre.

29 — Comparecem à sessão da Câmara Municipal, os srs. General Paulo Vieira da Rosa e Roberto de Oliveira, o primeiro na qualidade de interventor nomeado da COAP no Estado. Tratando do assunto do preço da carne, os dois encarregados do caso aconselham evitar medidas drásticas, mas intervir por intermédio da COMAP, como órgão competente.

30 — Encerra a firma José Daux suas atividades nesta cidade, transferindo a direção dos cinemas "Busch" e "Blumenau" à nova arrendatária ORCAPA (Organização Comercial Paraná — Santa Catarina).

AUTO MECÂNICA

ALFREDO BREITKOPF S/A

Rua 15 de novembro n.º 44 — Fones: 1650 e 1725

Caixa postal, 343

Telegramas: AMABSA

BLUMENAU

—:—

S. CATARINA



CONCESSIONÁRIOS

de

D. K. W. — VEMAG — e SCANIA-VABIS

Peças para D.K.W. — CITROËN — INTERNACIONAL

FORD — CHEVROLET — SCANIA-VABIS — DODGE

PNEUS DE TÓDAS AS MARCAS — BATERIAS

OFICINA PERFEITAMENTE APARELHADA.

EMPRESA FÔRÇA E LUZ SANTA CATARINA S.A.

ALAMEDA DUQUE DE CAXIAS, N.º 63
BLUMENAU — SANTA CATARINA
CAIXA POSTAL, N.º 27
ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: FÔRÇALUZ



CONCESSIONÁRIA dos serviços de fôrça e luz nos municípios de:

Blumenau — Gaspar — Ilhota — Itajaí — Brusque

Indaial — Timbó — Rodeio — Ibirama — Pre-

sidente Getúlio — Rio do Sul — Taió

Rio do Oeste e Trombudo Central

todos da região do Vale do Itajaí.

PROPRIETÁRIA das Usinas:

“Salto” — 7.000 KW

“Cedros” — 8.000 KW

“Diesel” — 3.000 KW

EM CONSTRUÇÃO :

Usina **“PALMEIRAS — 18.000 KW**

AUTO MECÂNICA

ALFREDO BREITKOPF S/A

Rua 15 de novembro n.º 44 — Fones: 1650 e 1725

Caixa postal, 343

Telegramas: AMABSA

BLUMENAU

—:—

S. CATARINA



CONCESSIONÁRIOS

de

D. K. W. — VEMAG — e SCANIA-VABIS

Peças para D.K.W. — CITROËN — INTERNACIONAL

FORD — CHEVROLET — SCANIA-VABIS — DODGE

PNEUS DE TÓDAS AS MARCAS — BATERIAS

OFICINA PERFEITAMENTE APARELHADA.

EMPRESA FÔRÇA E LUZ SANTA CATARINA S.A.

ALAMEDA DUQUE DE CAXIAS, N.º 63
BLUMENAU — SANTA CATARINA
CAIXA POSTAL, N.º 27
ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: FÔRÇALUZ



CONCESSIONÁRIA dos serviços de fôrça e luz nos municípios de:

Blumenau — Gaspar — Ilhota — Itajaí — Brusque

Indaial — Timbó — Rodeio — Ibirama — Pre-

sidente Getúlio — Rio do Sul — Taió

Rio do Oeste e Trombudo Central

todos da região do Vale do Itajaí.

PROPRIETÁRIA das Usinas:

“Salto” — 7.000 KW

“Cedros” — 8.000 KW

“Diesel” — 3.000 KW

EM CONSTRUÇÃO :

Usina **“PALMEIRAS — 18.000 KW**